

África

O Manifesto para a Paz em Angola que tenho vindo a meditar, é a revelação de uma FORÇA que não dispõe de armas nem de aliados; que se fundamenta somente na Razão e na Justiça amordaçadas, mas ainda vivas na alma dos Angolanos. É uma FORÇA que começa a emergir do seio do Povo como rumor escutado das profundezas da terra a pre-nunciar um sismo, a anunciar o ponto de ruptura que se avizinha;

«Estamos a atingir o extremo do sofrimento, da barbárie, da humilhação social e da total perversão do uso do poder». (...) «Perante o sufocar quase total do que ainda resta da sociedade angolana, é chegado o momento de agir persistentemente, de modo pacífico, corajoso e concertado, no resgate do tesouro que o Povo mais anseia e merece: a Paz pela via do diálogo».

Sem armas, sem aliados... De fora, os aliados já se mostraram tais quais são: falsos, que falam de paz e dão pasto à guerra. De dentro, a FORÇA há-de ir crescendo pela «tomada de consciência pelo Povo do processo de destruição de que está a ser alvo», de que «a guerra continua a ser usada contra ele», de que «não há solução militar para o conflito angolano».

É evidente que esta postura «pacífica, persistente, corajosa e concertada» não agrada aos poderes beligerantes que se arrogam, um a «Libertação de Angola», o outro a «Independência Total de Angola» e polarizam sobre eles em quase exclusivo a atenção do mundo.

Esta FORÇA que pouco ou nada pode esperar de fora, terá com certeza uma aguerrida oposição de dentro. Se de um lado se contam atrocidades, do outro está-se assistindo já à perseguição a jornalistas e a outras vozes

que se levantam contra a situação estabelecida. Até que «a perversão do uso do poder» caia de podre, a

inserção crescente do Povo nesta FORÇA há-de fazer-se pelo preço do sacrifício de alguns. Eles bem sabem e devem estar preparados. E porque assim é — prossegue o Manifesto — «chegamos à conclusão de que só os angolanos, entre si, devem desenvolver o entendimento comum das causas assim

como das consequências do conflito angolano, como meio de buscar soluções definitivas e a subsequente reconciliação nacional.» (...) «É o Povo quem defende a Paz pela via do diálogo, enquanto os beligerantes assumem a guerra como o meio de se alcançar a paz». Diálogo «concer-

tado», «corajosa e persistentemente», «de modo pacífico», assente n'«o respeito mútuo aos diversos povos e culturas que formam o projecto da Nação Angolana».

Esta diversidade de povos e culturas é uma realidade

Continua na página 3

SETÚBAL

Mãe de família numerosa

AINDA não tive qualquer resposta ao meu inquietante e aflitivo brado: — Preciso de uma Mãe para o Lar de Setúbal.

O GAIATO tem sido portador deste tormento e os encarregados da Redacção têm-lhe dado relevo.

Tenho a certeza de ser mensageiro de uma ansiedade paternal de Deus! É evidente que os rapazes do Lar necessitam muito.

Porquê tanto silêncio numa Igreja tão vasta!?

Será medo?!...

É natural que um certo receio de não responder cabalmente aos pro-

jectos do Altíssimo deixe as pessoas titubeantes!...

Também aconteceu o mesmo com Nossa Senhora!...: — Como será isso, se eu...

Em nossa Casa, as senhoras têm a sua comodidade pobre, mas digna, juntamente com o constrangimento anexo à sua missão. Ser Mãe de uma família numerosa nunca foi tarefa fácil, mas também nunca deixou de ser encargo alicianante para uma verdadeira Mulher!...

Será desconfiança?!...

Em nossa Casa, as senhoras têm um campo largo de acção, o qual abarca naturalmente toda a vida da

comunidade. Tudo é seu. De tudo podem dispor dentro de um espírito sensato de colaboração com os rapazes e o padre.

Não têm ordenado. A sua missão é gratuita. São «pobres por devoção», como os Padres da Rua. Daqui nasce o peso da autoridade com que se impõem aos rapazes e de que necessitam para que a própria ascendência seja natural e familiar. No entanto, as Casas do Gaiato descontam para a Segurança Social sobre o ordenado mínimo nacional para, na incapacidade,

Continua na página 4

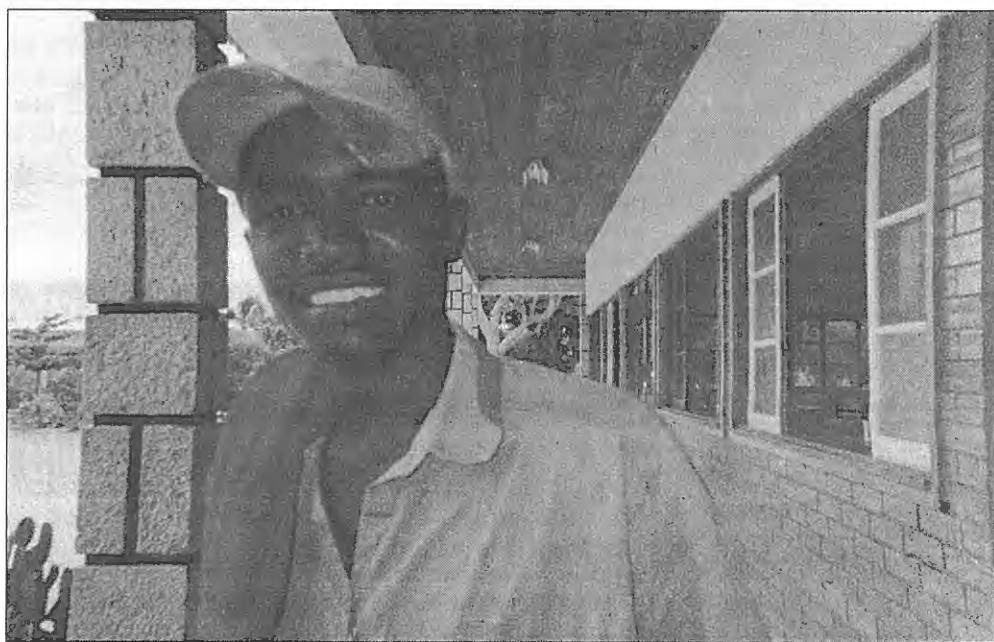
BENGUELA

Apelo aos médicos

SE pudesse, havia de dizer aos médicos de Portugal que há uma multidão de crianças a morrer, porque não há quem lhes valha. Não estou a falar de coisas fáceis, bem sei. É uma situação complexa em que é preciso descobrir o fio da meada, com muita paciência e com muita esperança. Se houvesse verdadeiro interesse, animado pelo espírito de partilha da parte dos governantes e dos médicos, caminhos novos seriam inventados para ir ao encontro do povo, em sector tão vital como é o da Saúde. Como se pode falar em desenvolvimento sem Saúde e sem Escola? Lembrei-me, de repente, do Gonçalo, médico jovem que veio por um ano, logo a seguir ao termo do seu curso, integrado na ONG (Leigos para o desenvolvimento). Tanto bem que ele fez em tão pouco tempo! Estou convencido de que mais tempo ficaria se houvesse compreensão da parte dos responsáveis pela Saúde, em Portugal. E se fez muito bem, recebeu muito, de igual modo. Ficou mais rico na sua dimensão humana. A sua

humanidade ficou mais completa com a parcela de humanidade que está em Angola. A juventude de um povo cresce e mantém-se com a corrente de vida que circula pelo canal da solidariedade. Não é verdade que o individualismo envelhece os povos? Mal vai uma Nação quando os seus responsáveis políticos não abrem canais de partilha, estimulando a circulação da riqueza humana, valor maior dum povo. O capital dinheiro é, normalmente, interesseiro, à procura dum lugar donde possa tirar dividendos. E a Margarida, jovem enfermeira que acompanhou o Gonçalo, integrada na mesma Organização? Falam deles os postos médicos populares por onde passaram a dar a sua colaboração. O bichinho Angola, com as suas esperanças e as suas dores, mordeu-lhes o coração. Foi uma ferida para não mais curar.

Ontem, a mãe veio pedir medicamentos para o seu bebé. Hoje, domingo, veio por tábuas para o caixão. Tinha acabado de celebrar a Eucaristia em que a Palavra



de Deus falou muito forte. A vida desafia-nos. A Palavra responde aos desafios. O problema está em cumprir-se ou não cumprir-se em nós a Palavra... «Porque tive fome e destes-me de comer... Estive doente e fostes visitar-me...» Este discurso não fala da fé, mas das consequências dum homem transformado pela fé. São incalculáveis e de importância extrema. A conduta que tenhamos com os «pequenos» é a mesma que temos com Deus. O julgamento

começa aqui. No último dia, postos diante de Deus, descobriremos se O amámos ou desprezámos no Próximo acolhido ou abandonado, aqui, na terra. Jesus identifica-Se nesta descrição profética do Juízo Final, com as pessoas mais humildes a quem chama «irmãos mais pequeninos». Trata-se duma relação misteriosa mas real que une Cristo com qualquer pessoa necessitada.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ABONOS E SUBSÍDIOS — Recolhemos da «Eurofocus» (11/10/99), pequenina revista da União Europeia, um excerto de breve trabalho sobre «os abonos (que) reduzem, de um terço, a pobreza da UE, bem como as diferenças de situação entre países» da Comunidade:

«Sem os abonos de família, os subsídios de desemprego, de doença, de invalidez, de alojamento, etc., existiriam muitos mais Pobres na União Europeia (UE). Caso não recebessem abonos e subsídios, 26% dos seus habitantes aufeririam, em 1995 — último ano para o qual há dados disponíveis — um rendimento tão baixo que ficariam aquém dos limiares da pobreza dos respectivos países. Apesar de todas as ajudas concedidas, essa percentagem era, mesmo assim, de 18%. Estes números são revelados por um relatório publicado no fim de Setembro, pelo Eurostat (Serviço de Estatísticas Europeu), que abrange treze países, todos os da UE, com excepção da Finlândia e da Suécia. Como seria de esperar, a situação varia muito entre todos eles.

Considera-se que as pessoas com um rendimento inferior a 60% do rendimento médio nacional estão abaixo do limite de pobreza: os cálculos são feitos em função da distribuição dos rendimentos no país. Na prática, a percentagem de Pobres nos treze países examinados, sem contar com os subsídios e abonos mas incluindo as pensões, que fazem parte do rendimento base, varia entre 21% em Itália e 34% no Reino Unido e na Irlanda. Entrando em conta com os diversos subsídios e abonos, o número de Pobres varia entre 10% nos Países Baixos, 11% na Dinamarca e 24% em Portugal (percentagem contestada...).

A eficácia dos diversos apoios na redução da percentagem de Pobres faz-se sentir de forma clara na Dinamarca e nos Países Baixos, enquanto no Sul (Grécia, Itália e Portugal) é menos evidente.

(...) O relatório conclui, ainda, que para os 20% de habitantes da UE, ganhando menos em salários ou pensões, os abonos e subsídios representam pouco mais de metade do rendimento total. Em dois Estados-membros — Irlanda e Reino Unido — as ajudas

representam mesmo quatro quintos do rendimento dessa categoria de pessoas; ao passo que na Grécia e na Itália, não chegam a representar 20% dos seus recursos.»

PARTILHA — Dez mil, da assinante 38922, de Sanfins: «Consciente das necessidades dos Pobres, muitas vezes sentidas, e dentro do que me é possível, envio uma pequena contribuição para que, de alguma forma, possa ajudar aqueles que dela necessitem».

Um vale do correio, de três mil, da assinante 4571, de Lisboa.

Expedido de Lisboa, também, um cheque com o dobro, e «um sentido abraço» do assinante 42037.

Outro cheque, da assinante 67848, de Tomar, «para alguma coisa que seja mais necessária neste momento. O pouco que envio para os Pobres é com todo o meu coração». A caridade é assim!

Do assinante 9790, de Perosinho, «pequenina ajuda, neste mês dos fiéis», perorando «uma oração ao Senhor pelos familiares falecidos».

Vale do correio, de quinze mil, proveniente de Alcains, pela mão da assinante 69336 que «gostaria de mandar mais. O que vai é uma gota de água no oceano, mas eu também sou uma pessoa doente».

Mais um dito, de cinco mil, da assinante 5051, de Amadora.

Curiosamente, a assinante 60788, do Porto, dá um «bem haja por nos lembrarem os Pobres, os mais desfavorecidos». E acrescenta «o remanescente (de contas d'O GAIATO) seja utilizado pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para o que julgar mais necessário e, como sempre, de forma criteriosa, ajudando a resolver os problemas mais prementes».

A presença habitual da assinante 14493, do Porto, com quinze mil, sua quota «do mês de Novembro, em curso», disse.

Juncal: «Venho enviar, mais uma vez, em nome da minha mãe, assinante 47307, uma pequena ajuda (cinco mil escudos) para a vossa Conferência». O topo da missiva traz um pensamento interessante de E. Hello: «A alegria é o perfume de Deus captado pela alma».

Mais cinco mil, da assinante 20615, de Azóia (Sesimbra).

Assinante 57002, de Senhora da Hora: com «pequena migalha, de Outubro e Novembro, que poderão distribuí-la como melhor entenderem. O frio já chegou e, com ele, as contas na farmácia aumentam e serão precisas todas as pequenas migalhas para se minorar o sofrimento de quem sofre».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Indicamos o nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, afc do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Casamento — Magda Estela Nogueira (filha do «Melo», de Setúbal) e Hélder António Vidal.

PAÇO DE SOUSA

VISITA DO F.C. DO PORTO — Recebemos a visita dos jogadores do Futebol Clube do Porto, acompanhados de alguns responsáveis da grande colectividade desportiva.

Trouxeram bolas, brinquedos, muitos doces; e 800 contos em alimentos, roupa, etc., destinados à vida da nossa Comunidade.

A visita foi motivada pelas esposas dos futebolistas. O nosso muito obrigado.

NATAL — A malta está contente porque não tarda a chegar o Natal. Os mais pequeninos, os nossos «Batatinhas», já pensam nos brinquedos que irão receber...

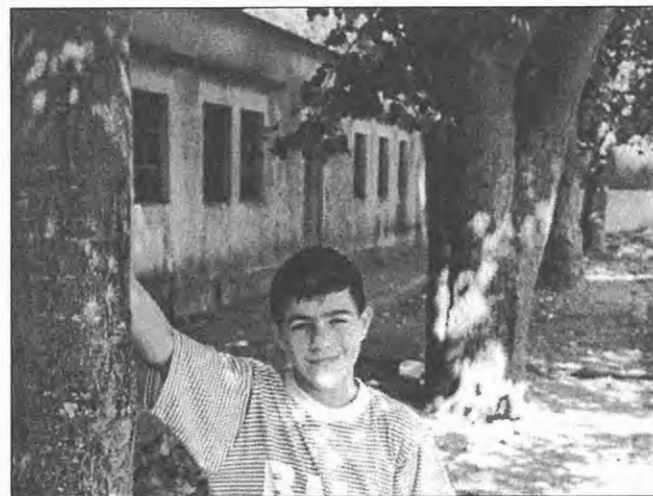
No dia 19 de Dezembro faremos uma festa natalícia, às 15 horas da tarde.

MAGUSTO — Foi a 13 de Novembro. Cada uma das casas de habitação da nossa Aldeia acendeu uma fogueira. Come-

mos muitas castanhas e bebemos sumos. Houve visitantes que presenciaram o nosso magusto.

PROFESSORAS — Estamos satisfeitos porque duas professoras se disponibilizaram a ensinar os nossos rapazes a cozinhar e a aprenderem a fazer limpezas domésticas — formação importante para a nossa vida comunitária.

Filipe David



Aí está o Filipe David, cronista de Paço de Sousa.

Associação dos Antigos Gaiatos de Lisboa

«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.»

Dar vida a uma Associação, que acarreta traumas mesquinhos, de alguns homens que não deixam de pensar como crianças, é sempre trabalho difícil.

Todos temos as nossas razões, do que passámos em criança. Mas, hoje, com família constituída, com filhos, devemos pensar mais profundamente nesta realidade, pois sabemos como é difícil educar um só filho, quanto mais duzentos...

Isto vem a propósito de como é possível terem passado pelas nossas Casas do Gaiato centenas e centenas de rapazes e só umas três corresponderem à chamada das Associações.

Nós somos uma Família. E quem assim não pensa, vai mal de sentimentos. O que Pai Américo nos transmitiu, foi o amor, a paz, a amizade.

Filhos da Obra da Rua, de Pai Américo, não poderemos ficar indiferentes para que tenhamos Associações dignas de nós.

PROGRAMA DO ENCONTRO — Convidamos os antigos gaiatos a estarem presentes, dia 8 de Dezembro, na Casa do Gaiato do Tojal, festa de aniversário desta Casa, e Dia de Nossa Senhora da Conceição, sua padroeira.

Eis o programa — 9.30h, jogo de futebol; 12.15 h, Eucaristia; 13.30 h, almoço; 16 h, inauguração do espaço reservado pela Casa, à nossa Associação; 16.30 h, actuação do famoso Coro do Banco Nacional Ultramarino; 19h, merenda ajantarada (aqui, contamos que tragas um bolo ou doces).

Se ainda não pagaste as quotas, fá-lo nessa altura. E traz, ainda, duas fotografias para o teu cartão de associado.

Confirma a tua presença até 30 de Novembro, por carta ou pelo telefone, para o Manuel dos Santos Gomes (emprego: 21 9749019, das 9 às 17 h; ou para a sua residência: 21 9749255, a partir das 18 h).

Eurico do Carmo Moreira

Claro que vamos dar a nossa ajuda aos velhinhos e às crianças porque não perdemos a fé: aquilo que vamos precisar, aparecerá, como sempre. O nosso assistente espiritual é o que sempre nos faz sentir. E tem razão: nunca perdermos a esperança.

RECEBEMOS — Assinante 11468, 11.000\$00. Da nossa Amiga que está num lar, em Braga, 1.000\$00.

De um anónimo, para remédios, 3.000\$00. Assinante 9217, cheque de 10.000\$00. J.R.D., 2.000\$00.

De Setúbal, e pelos defuntos, 2.500\$00. Um amigo com 3.000\$00 e a seguinte quadra: Quando os ricos virem os Pobres / Com olhos de fé e coração / Não mais haverá corpo sem roupa / Nem nenhuma boca sem pão.

M.M., 10.000\$00. Desejamos um Natal cheio de alegria e fé. O Menino Jesus nos traga muitas coisas boas, principalmente muita paz nos corações.

Bem haja a todos, e bom Natal.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Maria Germana e Augusto

RETALHOS DE VIDA

«Bananinha»

Sou o Rogério da Silva Ferreira Ângelo, aqui chamado o «Bananinha». Nasci em 2 de Novembro de 1986, em Mafamude, concelho de Vila Nova de Gaia.

Tenho, agora, treze anos e fui admitido na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em 7 de Maio de 1995.

Vim, para aqui, há cinco anos, porque a minha mãe fugiu de casa...!

Tenho connosco mais dois irmãos. Por lá, mais outro e duas irmãs.

Frequento o quarto ano do Ensino Básico e, quando for grande, desejaria ser funcionário bancário.

Rogério da Silva



Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Novembro, 65.400 exemplares.



Malanje (Angola) — Todos muito alegres, porque vão passear!

MALANJE

«Cristo mutilado»

11/10/99

RECORDAMOS, ainda, o «meu Cristo partido». De como o autor aproveita a sua imagem, bem partidinha, para nos levar à meditação dos momentos dolorosos, no dia-a-dia, de cada um de nós e do nosso curso para tal mutilação.

Também, não exibimos em trazer para o nosso quotidiano as dores (via-dolorosa) de tantos irmãos nossos.

Carregados e vergados sob o peso dos molhos de lenha, estas mães, num ritmo de dança que magoa e no percurso de treze quilómetros! Isto para darem à luz uma ceia de miséria.

Imagens bem vivas e reais do «Cristo mutilado» que o nosso autor descobriu não sei onde...

Bem juntinhos a todos os Cristos partidos — com cruz ou sem ela — está sempre presente a certeza da ressurreição, o renascer, o voltar à vida.

Vencendo os quatrocentos quilómetros de estrada esburacada, as colunas de camiões continuam a chegar, carregados de esperança.

Em todos os bairros, as cozinhas alimentadas pelo PAM e pela Caritas e orientadas pelas várias organizações e Igrejas, continuam alimentando milhares de idosos doentes e crianças.

Ainda bem! É um facto palpável de que a partilha não é uma palavra vã. Nós a sentimos presente e palpante, aqui e agora.

Vida dura e agreste

4/11/99

ENCONTREI o Fernando em plena Luanda. *Tac... tac... tac...*, faz a sua muleta no chão de cimento. Um tiro da guerra roubou-lhe uma perna. De pequenino em nossa Casa do Gaiato de Malanje onde cresceu e aprendeu mesmo a jogar futebol. Pela sua genica era sempre escolhido. Fez o 12.º ano e foi professor em nossa Escola. Esta última guerra com suas bombas atirou com ele, mulher e filhos para Luanda.

Ali nos encontramos e soube que anda aflito para arranjar emprego.

A sua grande preocupação é a compra de um cantinho para construir a sua casa.

Difícil, tão difícil!

Para já, vive num barracão de chapa que ele ergueu no quintal do irmão.

Enquanto me vai contando, certo e seguro — *tac-tac* da sua muleta...

A casa, o emprego, o negócio da esposa no mercado *Roque-santeiro*...

Dura e agreste como as penedias, a vida do Fernando!

Prometi-lhe uma ajuda do Património dos Pobres para a sua casa... Padre Horácio vai concordar.

Como no campo de futebol, ele corre atrás da bola... Só que esta se esconde neste emaranhado confuso que é Luanda.

Padre Telmo

TRIBUNA DE COIMBRA

Contas

HOJE vamos a contas. O nosso livro, de Setembro a Outubro, «reza» assim: Maria Aida, 115 mil. Albertina, 40 mil. Guerra Pratas, 85 mil. Uma Rosa, 70 mil. Vinte e cinco, de Nazaré. Iolanda, 150 mil. Cheques, todos de Coimbra, recebidos em mão no nosso Lar, durante o Verão, enquanto um grupo dos mais velhinhos o andava a pintar. Uma Maria, de Abrantes, com 120 mil. Uma Antónia e uma Ermelinda, ambas da Figueira da Foz, com mil e cinco mil. Regina, de Coimbra, com 30 mil. Vasco, da Anadia, com 6 mil. Uma Odete e uma Lizete, ambas de Tomar, com 40 e 50 mil, respectivamente. Mais um cheque, da Cidade do Nabão, com 10 mil. Um Francisco e um Afonso, ambos com 10 mil. Uma Clara com 40 mil; e um Adelino e um Carlos com 5 mil. Um Arnaldo com 2 mil e uma Helena com mil. Luís, da Covilhã, com 2 mil. De Vouzela, 73.500 escudos. Emídio, de Coimbra, com 20 mil. Um Manuel e uma Maria Luísa com 20 mil.

De Santos Mínga os habituais 1.500. Maria Júlia, de Figueiró dos Vinhos, com 15 mil. Mais mil, de lá, de um anónimo. O amigo Carmona: um abraço e

um cheque de 15 mil, no bolso. 100 mil, em Miranda do Corvo. Mais 40 mil, de antigo ourives, de Coimbra. Um Dr., da Figueira da Foz, veio ao fundo da horta e entregou-me cheque de 30 mil. Adelino, de Soure, com 10 mil. Pelas mãos da Caritas paroquial, de Tomar, cheque de 5 mil. Esposa de antigo gaiato, a viver no Porto, 20 mil. Paróquias de Rio de Vide e Vila Seca, 115 mil, de leite que já seguiu para Malanje. Ofertas várias no Lar, umas na caixa do correio, outras entregues à senhora, somaram 165 mil. Em Casa 107 mil, arredondados. A primeira reforma de Irmínio, 36.500. Da Alemanha, pessoa de lá, juntou amigos de cá — emigrantes — para festejar os seus 50 «natais». Não quis prendas. As ofertas somaram 302.389 escudos que casal amigo, de Castelo Branco, nos trouxe já cambiados. Agora, de Leiria, mais 10 mil. Conforme corre o livro, aparecem 125 mil, de Loures. Anizete, da Lousã, com 20 mil. Famácia Cacilda Lopes, de Soure, com 20 mil — tantas vezes repetidos!

Mais 10 mil, de S. Jorge. Uma Ana com 20 mil. A presença pontual de Sá Campos Gil. Maria Cantante com 15 mil. A transferência pontual de A.

Silva Rodrigues. O casal das Meãs — há tantos anos! Professor aposentado, a viver algures, ao pé da Covilhã, com a sua transferência habitual à CGD. Regina, da Lousã, que deixou cá saudades, com 5 mil. Mais 5 mil, de Rogério, de Cascais; e outros tantos de Maria Gisela. Transportes de Manuel da Silva, de Gouveia, com 5 mil. Por fim, Dr. Dinis, no nosso Lar, com cheque de 70 mil.

Vem aí o Natal! Já sentimos passos mais curtos! Que a fé no Senhor de todos os Natais, nos abra o coração a mais este que se aproxima.

Padre João

Carta

De pais para filhos

«O meu pai, falecido há cerca de 12 anos, possuía uma profunda estima pela vossa Obra e, obviamente, pelo Padre Américo e seus seguidores.

A minha mãe, falecida há dois meses, era com os seus 96 anos de idade, uma dedicada leitora do vosso Jornal, seguindo, tanto quanto sei, as pisadas do marido no que toca ao amor pela vossa Obra.

Como único filho vivo, desejo continuar esse apreço que meus pais nutriam pela vossa Obra.

Assinante 369»

Elegia

Pela distância, pelo tempo, pela memória

Ergui-me muito aprumado

Trajando ao sabor do vento

Em jeito de vitória...

Mas vi no alto da colina um homem armado.

Na sabedoria, no desejo, na força

O povo angolano clama pela paz

Cada dia mais distante

Como corça que foge ao caçador.

O meu povo clama pela união, pelo amor

A fim de o desesperado obter Esperança

De os surdos escutarem a Palavra do Senhor

Para que o herdeiro alcance a sua herança.

Orlando

África

Continuação da página 1

que nunca pode ser omissa num autêntico processo para a Paz. Ela é fundamental «para a criação do entendimento comum entre os Angolanos e, a posteriori, das bases necessárias para a profunda revisão do conceito de Nação, assim como da definição consensual da visão para Angola e o rumo que o país deve tomar em direcção ao futuro».

E, conforme prometi a quinzena passada, aqui vai o excerto, pleno da coragem e da humildade que fundamentam, no Juízo dos Auto-

res do Manifesto, a reivindicação para os Angolanos da exclusiva responsabilidade de solucionarem os seus próprios problemas: «Não podemos continuar a atribuir as nossas desavenças à herança colonial, a individuais e/ou a terceiros. Tem sido um erro sistemático atribuir a responsabilidade e o protagonismo da resolução do conflito nacional a estrangeiros. É fundamental que nós, Angolanos, reconheçamos com coragem e determinação que somos todos culpados pelo estado de devastação política e militar e de caos

social e económico do país. Temos de reconhecer, de igual modo, os graves erros e abusos por nós cometidos no decorrer da nossa jornada histórica.»

Bela e pedagógica esta atitude de alma dos Autores do Manifesto, esta afirmação da solidariedade de todos nas culpas, que prepara imediatamente as Conclusões apresentadas aos principais culpados, as quais esperamos publicar na próxima edição d'O GAIATO.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Como os passarinhos do céu voitam em cata do biscato para os seus filhos, assim eu. Valem mais os Pobres do que os passarinhos.

PAI AMÉRICO

DOCTRINA



A Beleza é alimento da alma

A beleza do conjunto das casas que formam a Aldeia dos Rapazes, em Paço de Sousa, deslumbra e é parte necessária na educação do garoto da rua. A Beleza é alimento da alma. Pela alma é que nós temos de levantar do chão o pequeno que tu deixas cair. Porém, outra beleza mais alta se levanta, da qual me tenho apercebido no contacto amoroso com a Criança abandonada e que é precisamente a força responsável por tanta ousadia: trata-se do valor moral da Obra da Rua. Se não fora, na verdade, a experiência de quatro anos de vida da Casa do Gaiato de Coimbra, jamais lançaria os alicerces da do Porto. Sei por onde vou, o que quero, a quem sirvo. Ninguém pode ser contra quando Deus é a favor. Com trunfos assim, na mão, damos cartas e ganhamos a partida. Não se nos dá do desmoronar do mundo, nem da incerteza das coisas, tão pouco do pavor dos homens. A prova está dada; a verdade fez luz; importa agora alongar a Obra da Rua para salvar mais Crianças — e assim se está fazendo. Obra onde a Criança se salva por si mesma. Queres exemplos?

O Luciano, aquele pequenino larápio de Coimbra que já conheces deste jornal, dá serventia nas obras da nossa Capela. Chego de fora. Ele descê os andaimes com a tábua da cal, adoravelmente. Cinge-me com os braços, lança-me uns olhos decididos e diz: — *Sabe?, ando a ver se me venço. Reparo bem naquele me; é pronome pessoal; é a obra do rapaz. A nossa é amá-lo.*

O Zé Maria, outro exemplo, também é larápio. Veio da Covilhã. É hoje ajudante do nosso roupeiro. Em hora de desabafos que são segredos da alma, o pequeno larga a sua obrigação e vem pelo seu pé, em ar de confidência: — *Eu roubava coisas no mercado; era preso muitas vezes. Hoje não o fazia. Estou melhor!*

OUTRO exemplo, para terminar, é de um rapaz que foi dar a Paço de Sousa, saído de uma cadeia — naufrago que se quer salvar. Tem um activo importante: é portador de todos os vícios. Os pequeninos habitantes da Casa, avisados do perigo que entrou, não aprendem nada dele e ensinam-lhe tudo o que sabem. Já lá vão algumas semanas. O doente está muito melhor. Começa a ganhar confiança e calos. Cantar desde já vitória? Não. Deus é que dá o incremento. Reza por ele e por mim. A beleza das casas que emergem da terra deslumbra, sim, mas não está ali o valor nem a glória. A obra é toda espiritual. As Casas do Gaiato são santuários de almas.

AQUELE pequeno que chegou, há tempos, em dia festivo pelos anos de um dos da comunidade, ao ouvir do cozinheiro «saves?, temos hoje arroz doce», exclamou com olhar triste: — *Oh, isso não é para nós!* Fala assim de arroz doce, farto de coisas amargas que o mundo lhe dava. Não acredita na Bondade, no Carinho, no Amor, ele, o Pequenino escorraçado de todos: «*Isso não é para nós!*» Hoje, melhor informado, sabe que nas Casas do Gaiato é tudo para eles. Nós temos laboratórios; trabalhamos em retortas onde mudamos a natureza das coisas por milagres de amor: transformamos o arroz em lágrimas! Limpa as ruas dos teus olhos. Se não choras diante deste episódio, não amas. O pequenino vagabundo, à beira de 35 pratos de arroz doce, não acredita que sejam para ele! Ah mundo, que roubas a fé à Criança!

SENHORES do Porto, estou quase sem dinheiro. Se não acodes, não me prejudiques; lesas a Pátria. Coloca o dinheiro no Banco à conta da Casa do Gaiato do Porto. Tens cento por um. Acredita nas promessas do Filho do Homem. É grito de Salvação a voz que hoje levanto. Não te vingas pelo que amontoas, mas sim no que distribues racionalmente.

D. António S.

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)



Pobre e velha casinha que já foi habitação

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Habitação que já foi ora arruinada mas querida

ALGUMAS vicentinas vieram a nossa Casa pedir ajuda para a situação em que vivem duas famílias na sua Vila.

Logo que possível, pusemo-nos a caminho. A certa altura parámos junto duma nova habitação a observar os acabamentos que os donos, muito sacrificadamente, lutam para ultimar. Desta vez, estava o chefe da numerosa família que veio ao nosso encontro; logo que nos viu, pelo andar e aspecto vimos a sua incapacidade. Desabafou: — *A doença não me deixa trabalhar e sinto muitas dores, sobretudo nas minhas pernas.* Procurámos animá-lo e seguimos.

Muitos quilómetros percorridos, chegámos à Vila de que íamos ao encontro. Procurámos a residência paroquial. Conversámos com o pároco, já informado das situações que ali nos levaram. Procurou

esclarecer-nos e prontificou-se a ver se encontrava solução possível. Dali, fomos à procura das duas famílias que conhecíamos. Cada uma das mães apareceram com as filhinhas de dois anos ao colo.

Primeiro, falou a mãe de três filhos com o marido muito doente: — *Ele foi ver se ganhava alguma coisinha, pois continua muito doente. Tosse muito e tem muitas dores nas costas, mas em casa não ganha nada e nós devemos muito na mercearia.*

O marido é tuberculoso. Vivem em casa arrendada, sem casa de banho. Custam-lhes pagar a renda. Deixámos-a com a promessa de propormos ao dono fazer a casa de banho ou ajudá-los a fazê-la. Os olhos e a face daquela mãe pareceram mais sorridentes e animados. Os filhos que a rodeavam, comungaram a alegria dela.

DEPOIS, falou a outra mãe. Estávamos junto da casa que habitam, com dois quartos pequeninos e a cave, pela qual pagam trinta

e sete contos mensais. Só o marido ganha a trabalhar nas obras. Têm uma filhinha e a mãe dela vive com eles. Ela herdou, do pai, uma pobre casinha, agora já sem telhado, com duas pequeninas divisões. As pedras de que é construída, estão a desmoronar. Mãe e filha foram lá criadas, mas a pobre habitação não tem condições. — *O nosso grande desejo era, um dia, arranjar a nossa casinha e voltarmos para lá, habitá-la. Nós temos muito amor a tudo aquilo que lá está.*

DE VOLTA a Casa, depois de muitas dezenas de quilómetros, parámos junto das ruínas da que já foi a pobre habitação. Meu Deus!... Pareceu nunca encontrarmos coisa semelhante! Parte já tombada, as duas portas desapareceram, nunca foi rebocada, nem teve forros e soalho. Nas ruínas do topo, os vizinhos puseram rede e fazem lá capoeira.

Regressámos dali mais tristes e pesarosos. Não encontrámos por onde lhe pegar. Muitos irmãos pobres já não têm grandes ambições. Contentam-se com a sua pobreza, enquanto outros, que têm muito, aspiram a sempre mais. São insaciáveis!

Padre Horácio

Setúbal

Continuação da página 1

poderem usufruir a reforma mínima. Não que tenham exigido, mas porque entendemos que a sua situação social é mais frágil do que a dos padres.

As senhoras, numa Casa do Gaiato, não têm qualquer epíteto. Não constituem qualquer grupo jurídico-religioso. Na Igreja são simplesmente anónimas mães de família.

Se Maria tivesse pertencido a alguma congregação do seu tempo, talvez não tivesse a liberdade de dizer o seu sim ao Senhor, da forma espontânea e comprometedoramente como o fez.

As senhoras, nas Casas do Gaiato, são mulheres radicalmente coarctadas pelos rapazes e pela vida, mas sempre livres em se darem segundo a largueza do seu coração e da sua fé. Não há barreiras.

Quando em determinada época, já longínqua, os Padres da Rua buscavam uma forma jurídica para se agruparem na Igreja Católica, foram iluminados pela clara visão de um Bispo Missionário de Moçambique: — *Deixem-se ser o que são: Padres da Rua. Na dependência do Bispo como qualquer padre ou leigo e na largueza de caminhos que o Espírito de Deus sempre dá.*

Na história da Fé, quantos homens e mulheres saltaram os obstáculos das regras, na fidelidade aos impulsos divinos!... Quantas obras, institutos, congregações ou ordens perderam a frescura inicial dos seus carismas? O mar da expansão espiritual e humana de uma Mãe numa Casa do Gaiato não tem limites! Não há ideal que se lhe possa comparar.

Contacta-nos. O endereço é simples: *Casa do Gaiato de Setúbal; e o telefone, também, 265 501227.*

Padre Acílio

BENGUELA

Continuação da página 1

A minha relação com estes «irmãos mais pequeninos», que se cruzam comigo em todas as horas do dia, há-de ser mais paciente. Não seremos julgados sobre o que habitualmente consideramos «coisas extraordinárias ou

mais importantes», mas sobre a nossa vida tecida de incalculáveis pequenos gestos humanos. No fundo, é a vida em egoísmo ou amor.

Vem aí o Natal. O início do tempo que prepara está à porta. Que vamos fazer?

Padre Manuel António